

Fotografia e memórias afetivas

Photography and affective memory

ADRIANA MARIA DE ASSUMPÇÃO¹

RESUMO

A construção deste artigo se deu a partir da empiria oriunda do projeto *Memórias Afetivas*, experiência desenvolvida em uma turma do Curso de Fotografia da Universidade Estácio de Sá. A proposta foi construída como forma de estimular a produção de um ensaio visual com fotografias que se relacionassem a uma memória afetiva de cada estudante. Durante as aulas foram apresentados alguns textos teóricos e projeções de ensaios criados por diferentes fotógrafos. O que se produziu durante os encontros foi um ambiente provocador, onde foi possível lançar ideias e despertar narrativas orais e imagéticas trazidas pelos estudantes. Em vários momentos afloravam histórias com sentidos muito particulares e carregadas de emoção. Nesse contexto, o principal estímulo foi para que cada estudante procurasse formas de desenvolver sua jornada de investigação plástica, onde o exercício partia de um pressuposto: a irrestrita liberdade de criação e ressignificação das suas próprias memórias.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Memória. Leitura de imagens.

ABSTRACT

The construction of this article is based on empirical data which originated from the *Memórias Afetivas* (Affective Memories) project, an experience developed within a Photography course at Universidade Estácio de Sá. The proposal was created as a way to stimulate the production of a visual essay with photographs that related to each student's affective memory. During the classes some theoretical texts and projections of essays created by different photographers were presented. What emerged during the meetings was a provoca-

tive environment, where it was possible to launch ideas and awaken oral and imaginary narratives brought by the students. In many moments stories charged with emotion and particular senses emerged. The main stimulus was for each student to seek ways to develop their journey of artistic research within the context of the following goal: the unrestricted freedom to create and redefine their own memories.

KEYWORDS: Photography. Memory. Image analysis.

PRÓLOGO

A introdução segue a trilha do teatro grego, onde os espetáculos tinham início com o prólogo, um monólogo ou diálogo entre personagens que apresentavam o tema da tragédia. Esse texto não trata de uma tragédia, entretanto me aproprio de uma das definições da palavra espetáculo – aquilo que chama e prende a atenção – para descrever os sentimentos envolvidos nas aulas que concretizaram a proposta que será apresentada. Dessa maneira, o prólogo apresenta o “espetáculo” encenado durante um semestre dentro do espaço acadêmico de um curso superior. A escrita desse artigo foi estimulada pela narrativa construída por uma estudante, enquanto assistia uma projeção de imagens em uma das aulas da disciplina Pesquisa e Documentação Fotográfica. A projeção trazia imagens produzidas por Georges Didi-Huberman, publicadas no livro *Cascas* - do mesmo autor – e na entrevista da revista Zum (# 13 Compreender por meio da fotografia). No livro, o filósofo e historiador de arte apresenta um ensaio e uma narrativa fotográfica relatando sua experiência ao visitar Auschwitz – Birkenau com uma câmera fotográfica em punho. Na revista, em uma entrevista exclusiva, Didi-Huberman trata a imagem “como ato de criação e resistência”, nas palavras do editor. As provocações a partir das leituras realizadas em conjunto com as reflexões compartilhadas estimularam a estudante que afirmava ser “impossível fazer um ensaio sobre memórias que trazem emoção ao criador das imagens”. Segundo ela, essas imagens estariam impregnadas por essa emoção e, por isso mesmo, não teriam a possibilidade de retratar uma experiência que mostrasse ao mesmo tempo, o real vivido e a plasticidade do trabalho artístico. Para ela, uma representação com essa “carga emocional” seria uma encenação que não permitiria ao criador das imagens a neutralidade necessária para fazer uma boa foto.

Alguns estudantes compartilhavam da mesma ideia: não seria correto fotografar sobre um tema que se relaciona com uma memória ligada aos afetos do(a) fotógrafo(a). Essa narrativa estimulou uma discussão interessante e a forma encontrada para aprofundá-la foi a proposta lançada para a criação de um ensaio visual com fotografias que trouxessem uma memória afetiva de cada um. Além disso, havia um segundo desafio que era a criação de um texto escrito – ensaio, conto, crônica, poesia, etc. – por meio do qual o(a) estudante comporia a história da criação desse ensaio, desde a concepção até a criação do produto final.

A cada encontro era possível perceber o quanto os estudantes estavam estimulados e, ao mesmo tempo, ansiosos com essa proposta. A união do texto imagético com uma narrativa escrita tratava-se de um desafio importante e eu procurava orientá-los na medida em que traziam propostas e dificuldades para realização dos projetos. Esse processo foi muito interessante do ponto de vista didático metodológico e, porque não dizer, emocionante. A emoção era produzida a cada nova projeção, nas perguntas, e na preocupação dos estudantes que se mostravam preocupados em realizar o projeto. Dessa maneira, os estudantes delineavam caminhos possíveis para a construção do ensaio individual. As projeções de diferentes trabalhos fotográficos foram enriquecedoras do processo criativo, em razão da emoção causada pela observação das imagens. Assim como Didi-Huberman (2016, p.34) acredito que “cada imagem é bem mais rica que tudo aquilo que lhes posso dizer com minhas palavras e com minhas ideias no espaço de uma hora...”

Essa partilha se constitui em um processo educativo em consonância com a ideia de ensino como criação de possibilidades para a construção de uma relação dialógica. Como na perspectiva de Freire (1997), compreendo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Dessa maneira, nossos movimentos foram sendo construídos em torno dessa proposta nomeada “Memórias Afetivas”, desenvolvida durante o segundo semestre do ano de 2019 no Campus Tom Jobim da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro.

Investigar os significados desse processo desenvolvido com a turma em questão em um curso de formação, teve uma intencionalidade voltada para a reflexão teórica e prática, pois considero que essa experiência possibilita a discussão de aspectos da produção de imagens, da

criação de textos na contemporaneidade e na possibilidade de trazer subjetividades presentes nesse caminhar artístico e estético.

As considerações trazidas aqui também refletem escolhas de algumas estratégias para valorizar os processos criativos dos estudantes e favorecer a produção artística e a reflexão sobre o processo de criação. Além disso, durante as conversas sobre este assunto, os estudantes afirmavam que vivemos um momento extremamente difícil e, porque não dizer, brutal, onde as trocas afetivas são cada vez mais raras nas relações humanas. Nesse sentido, essa partilha no espaço universitário nos possibilitou o exercício profícuo de sentimentos e valores humanitários, pois na partilha das imagens e dos textos havia uma cumplicidade carregada de respeito e valorização do exercício trazido pelo “outro”. Esses momentos ampliaram as trocas no espaço da sala de aula, mas também funcionaram como elementos potentes para reflexões sobre preconceitos e dificuldades nas relações interpessoais.

Desenvolver essa proposta de trabalho como uma estratégia de formação - construída coletivamente, com muitas oportunidades de trocas no espaço da sala de aula - possibilitou estabelecer um cenário onde cada estudante construiu sua jornada de investigação plástica. O objetivo foi trabalhar na perspectiva da construção de conhecimentos em um contexto que propiciasse a participação dos educandos, envolvendo-os em uma experiência de formação crítica pautada na sensibilidade.

Na condução da proposta acordamos - docente e discentes - que todos os trabalhos seriam entregues para a professora, porém a apresentação individual na turma não seria obrigatória, propiciando liberdade de escolha e respeito com a privacidade dos estudantes em virtude de alguns temas muito pessoais e de cunho íntimo.

O ARGUMENTO

Era pequeno ainda. Olhava o mar, que desenhava suas rendas brancas sobre suas próprias costas. Essas ondas que não acabavam de cantar me fascinavam. Hoje, lembro-me disso como se fosse uma fotografia, isto é, uma “revelação”. Uma fotografia, no entanto, que nunca fiz, uma fotografia apenas presente na minha memória, uma imagem mental. As imagens gostam de caçar na escuridão de nossas memórias. São infinitamente me-

nos capazes de nos mostrar o mundo que de oferecê-lo ao nosso pensamento (SAMAIN, 2012, p. 21).

O fragmento de Samain inspira essa escrita sobre os momentos vivenciados nas atividades desenvolvidas com a turma, onde experiências com leitura de textos escritos e imagéticos se mesclaram com a apropriação de sentidos óbvios e obtusos (Barthes, 2009) e a problematização desses textos nos instigava para novos encontros. O que movia a prática docente era problematizar a leitura de imagens e investigar os sentidos produzidos por essa leitura em um contexto de formação.

A premissa do trabalho era possibilitar a construção de conhecimentos entre esses estudantes, com características bem heterogêneas e, por isso mesmo, com uma diversidade cultural que poderia propiciar experiências interessantes e enriquecedoras.

À medida que caminhávamos nas aulas, os debates se intensificavam e traziam desejos, reminiscências, lembranças que desejavam ser traduzidas em “escritas feitas com luz” e para a partilha dos autores. Alguns estudantes esperavam o final da aula e buscavam uma conversa individualizada com a professora, com o objetivo de falar sobre suas memórias e o desejo de trazê-las por meio do trabalho proposto. Pareciam encorajar-se com o “consentimento” da professora. Talvez essa fosse apenas a partilha inicial como forma de transpor insegurança, medo de exposição, vergonha. Considero assim como Samain (2012) que para contemplar em profundidade as figuras do mundo, precisamos nos libertar da lógica cartesiana e de ritmos desumanos. Nesse sentido, com essa experiência buscava criar um espaço potente para o exercício da liberdade de criação. Penso como Samain (2012, p.59) que afirma

Se quisermos viver, devemos reencontrar, além do caminho da razão, os caminhos das paixões e da imaginação. As artes se encontram e se reconhecerão, sempre, nessa encruzilhada, nesse ponto de interseção. Por esses motivos, as artes representam – assim penso – o futuro ainda possível das ciências humanas e da própria humanidade.

Com esse autor, encontro uma ótima tradução a respeito do que penso sobre a prática educativa nesse contexto do curso de fotografia. Também relaciono essa citação com a reflexão a respeito de uma formação que se

insere no debate contemporâneo sobre produção e problematização da leitura de imagens.

Os encontros promovidos pelo espaço das aulas tornaram-se momentos para exercitar o olhar e a expressão das emoções que pulsavam com esse olhar. Cada texto compartilhado – imagético ou escrito – nos levava por uma trilha de significados onde os estudantes exercitavam sua própria elaboração do que é imagem e como lemos uma imagem. As representações se constituíram como outras formas de expressar esses sentidos da leitura de imagens e os sentimentos inerentes a ela.

Segundo Roland Barthes a intensidade que pulsa do olhar que lançamos sobre as imagens que observamos cotidianamente é produto de diferentes representações que podem ser mentais ou imagísticas (referente ao imaginário). Para o autor quando nos referimos a uma “civilização da imagem” na contemporaneidade, estamos tratando de forma hipotética que as civilizações anteriores não exercitavam a comunicação imagética. Dessa forma estaríamos subestimando essas civilizações no que diz respeito a imagem.

O conceito de imagem é abordado por vários autores (BARTHES, 2009, 2011; MANGUEL, 2001; AUMONT, 2012) e tomo emprestadas algumas considerações, que são referências teóricas importantes para o trabalho.

Segundo Manguel (2001), as imagens são capturadas por meio da nossa visão e, por meio da tradução em palavras, buscamos entendê-las e contemplar nossa própria existência. Para o autor, apesar de lermos imagens o tempo todo, não paramos para pensar sobre isso, sobre sua permanência em nosso mundo.

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiências, questionamentos e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (MANGUEL, 2001, p.21).

As leituras que realizamos das imagens que encontramos, organizam-se como uma narrativa mental que, muitas vezes guardamos na memória e não compartilhamos com mais ninguém. Na contemporaneidade temos uma produção incessante de imagens e uma tendência em guardar algumas experiências imagéticas e/ou compartilhar essas imagens em redes sociais. Minha hipótese

é que o exercício de fotografar e compartilhar pode ser analisado como uma nova forma de exercitar o olhar, mas também onde tudo é produzido e divulgado com uma rapidez que quase sempre não possibilita reflexão sobre aquela imagem.

A relação com a fotografia é abordada por Aumont (2012) por meio da relação entre imagem e espectador, com uma parte emocional e cognitiva, onde a imagem é construída pelo espectador que também é influenciado e “construído” por essa imagem. O autor trata essa relação pelo viés psicanalítico e como efeito de realidade e de real, ou seja, a realidade vai aparecer como resultado de um processo que envolve as propriedades do sistema visual, por índices de analogia. O efeito de real surge por meio da crença que o espectador tem no que é realidade imaginária naquela imagem. Destaca que “o espectador é também um sujeito com afetos, pulsões e emoções, que intervêm consideravelmente na sua relação com a imagem” (p.116).

Isso se relaciona com a experiência que vivenciamos e descrevemos aqui à medida que percebemos os afetos e as emoções pulsantes na relação com as imagens apresentadas pelos estudantes e pelos textos escritos produzidos com os ensaios fotográficos.

No que diz respeito aos significados da imagem, entendo como Barthes (2009) que a “significação da imagem é, certamente, intencional: são certos atributos do produto que formam a priori os significados da mensagem”. Dessa forma, quando exercitamos a leitura de imagens, a percepção depende da nossa cultura e do nosso conhecimento do mundo, e dos signos que dispomos em nosso repertório (BARTHES, 2009, P.24).

Por meio da análise das imagens e narrativas, busco compreender essa percepção e as relações que os estudantes fizeram com os seus próprios signos. Como lidam com esse mundo-imagem que promete sobreviver a todos nós, já transformados em dependentes de imagens, como nos diz Susan Sontag (2004).

IMAGENS E NARRATIVAS DISCENTES

Nesse momento traço uma aproximação entre nosso campo teórico e as imagens e narrativas criadas pelos estudantes. Nessa análise não espero esgotar as possibilidades dessa aproximação, entretanto considero que ela pode apontar caminhos que vão ser renovados com os olhares dos leitores desse texto, por meio de apropriações e ressignificações.

Por meio das propostas apresentadas é possível perceber uma grande diversidade de capturas simbólicas do tema e, nesse sentido, a escolha de apenas alguns trabalhos para compor para este artigo se constituiu como um difícil ofício. O processo de criação dos estudantes se revelou como uma partilha sincera de sentimentos, conflitos e confissões e, nesse sentido, consideramos também altamente emocionante.

A fim de preservar a identidade dos participantes, que gentilmente autorizaram a divulgação dos trabalhos, escolhi apresentá-los com nomes de fotógrafos brasileiros e estrangeiros, como uma forma de homenagem a ambos – estudantes e fotógrafos - que muito contribuíram para este trabalho.

A primeira narrativa apresentada é do estudante que chamei *Arnold Newmann*. Ele produziu um pequeno ensaio com imagens de objetos pessoais do seu progenitor.

Ter bons pensamentos nos transporta para um determinado ponto em nossas memórias, onde estão registradas algo vivido de importância, de sentir como se estivesse revivendo naquele breve momento o fato. Memórias nos transportam para o longínquo e nos afeta fisicamente, o corpo produz substâncias químicas com o poder de nos fazer sentir como realidade. Quem nunca parou por um instante, mesmo em fração de segundos e lembrou de algo? Nesta hora, o corpo paralisa, a mente se desliga do atual e o som é apenas o nosso cérebro reproduzindo aquele instante registrado, assim, podemos dizer que nós passamos pelo instante do poder da memória, da lembrança. (narrativa do estudante Arnold Newmann, 42 anos)

O signo é problematizado por Barthes (2011) quando o autor afirma que ele só existe e se atualiza por meio do olhar do outro, ou seja, é o olhar capturado que dá sentido ao universo sógnico, por meio da interpretação, da elaboração cognitiva que busca compreender e traduzir. Na narrativa criada por Arnold Newmann, podemos perceber a emoção causada pela reminiscência de suas memórias com a imagem do objeto que pertenceu ao pai e isso nos impulsiona a refletir sobre os sentidos estabelecidos entre leitor e imagem.



Imagem 1: foto produzida pelo estudante Arnold Newmann

A imagem é uma representação de algo que não está presente, como uma aparência de alguma coisa que foi subtraída do lugar originário e que pode ter uma longa permanência. Fotografias nos oferecem esse tipo de testemunho, caracterizado pela aparência de um objeto que desejamos representar. As lentes teóricas utilizadas neste estudo se aproximam novamente de Alberto Manguel (2001) que parte da premissa que a linguagem humana é feita de palavras que vão se traduzindo também em textos imagéticos e por meio das imagens, contamos histórias, que formam nosso mundo com símbolos, sinais, mensagens e alegorias.



Imagem 2: foto produzida pelo estudante Arnold Newmann

Para Manguel, “as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”. Da mesma maneira, nos diz o estudante Arnold Newmann,

O ser humano, necessita de memória, necessita contar uma história própria, para que se sinta vivo e possa compartilhar seu conhecimento e aprendizado com outros.

As fotos produzidas trazem objetos pessoais do pai desse estudante e, segundo ele, foram elementos importantes para retratar a sua memória afetiva. Segundo o autor das fotos, ao se debruçar sobre as imagens as memórias pareciam ganhar vida e ele lembrou momentos, sensações, expressões utilizadas corriqueiramente pelo seu pai quando utilizava aqueles objetos. Apesar da tristeza sentida pela ausência da figura paterna, Arnold Newmann ressignificou os objetos ao construir novos sentidos com as fotos e a sua escrita autoral. Esconder o sofrimento e a dor da saudade foram sentimentos que fizeram aflorar sensibilidade e delicadeza refletidos nos dois textos criados pelo estudante: o imagético e o escrito. O exercício da criação artística contribuiu para um percurso criativo e comprometido com a construção de conhecimentos, por meio do diálogo com o processo educativo em que ele estava inserido, mobilizando sentimentos e códigos distintos. Quando dialogava a respeito do trabalho, o estudante afirmou ter sido surpreendido com sua própria potência para este tipo de produção, que inicialmente considerava altamente complexa, mas ao final ele a considerou prazerosa e estimulante.

O segundo trabalho que será apresentado, foi produzido por uma estudante nomeada neste texto, como Dorotéa Lange.

Memórias são recordações, lembranças de algo ou alguém. Lembranças que te tragam saudade, e que te façam sorrir sem perceber.

Vanda Regina Pereira da Silva, minha mãe.

Não tenho como falar em memória, sem falar dela. Afinal, todas as minhas melhores lembranças são dela, com ela.

[...]Mesmo nos momentos mais difíceis, nunca a vi desistir, nunca a vi se queixar. Não tenho como falar das minhas memórias, sem falar da minha mãe, acho que são uma coisa só.

E para representar em imagens essas memórias, trago um objeto que guardo.

(Narrativa da estudante Dorotéa Lange, 36 anos)

A proposta do trabalho sobre memórias afetivas foi ouvida pela estudante e, imediatamente se transformou em uma forma de concretizar um ensaio fotográfico que refletisse uma narrativa carregada de sentimentos pela progenitora. Isso foi colocado tão logo ouviu a proposta da professora.

Sua ideia era criar uma narrativa imagética apresentando a máquina de costura que havia sido de sua mãe e que ela guarda com muito carinho, como uma lembrança de momentos vividos ao lado da figura materna. Segundo ela, a mãe fez um curso de corte e costura e sempre sonhou em ter uma máquina para costurar as roupas da filha.

Lembro do dia em que fui comprar com ela, a máquina de costura, que ela tanto queria. Fomos levando para casa de ônibus, cada uma segurando em uma alça, porque era pesada.

Quantas vezes a vi sentada costurando, fazendo colchas, almofadas. Quantas saias ela fez para mim.

Objetos são só objetos, mas quanta emoção eles carregam. Não é o objeto em si, é o sentimento que te invade quando você olha para ele, é como se voltássemos no tempo.

Eu sinto saudade dela, todos os dias. Sorrio lembrando dela e choro também.

Minhas memórias mais doces, divertidas, alegres e cheias de amor, muito amor.

(Narrativa da estudante Dorotéa Lange, 36 anos)

Em seu diálogo com a professora da disciplina, relatou que se recordava perfeitamente desse momento em sua vida, quando a mãe viu um anúncio de jornal e decidiu adquirir a máquina de costurar tão desejada:

Naquela época não tinha internet, essas coisas de hoje, professora. Ela viu num jornal que um rapaz estava vendendo uma máquina de costura na Taquara e nós, morávamos na Freguesia. Eu era bem pequena, devia ter uns

10 ou 11 anos e, a partir daí sempre via ela na máquina, costurando...desde a minha infância até a fase adulta. Ela costurava mesmo só as minhas roupas e as roupas dela. Até fez algumas coisinhas para o patrão dela, mas não fez da costura um trabalho profissional. Eu gostava de umas saias que usavam na época e ela costurava sempre prá mim. (Narrativa da estudante Dorotéa Lange, 36 anos)

A costura não se tornou a fonte de renda de Vanda, entretanto se caracterizou como uma maneira de partilhar momentos amorosos com a filha e, dessa maneira, criar memórias afetivas em torno de um objeto tão peculiar e marcante para ambas. A observação da estudante quando afirma “sempre via ela na máquina” reforça essa ideia de memória carregada de sentimentos que se traduziram em um belo texto acompanhando um ensaio fotográfico em que ela destaca detalhes, por meio dos enquadramentos escolhidos, assim como escolhe a luz delicada para compor suas imagens.

Por meio desse trabalho ela se permitiu entrar novamente nas próprias memórias e por alguns instantes as fotografias parecem expressar também silêncios, lágrimas contidas, gestos e sorrisos que representam trocas afetivas. Podemos imaginar que ela busca tornar real o sentimento amoroso, tentando forjar alegria ao invés de dor, por meio de textos escritos “com luz” e palavras. No momento em que os estudantes são estimulados a refletir sobre suas memórias e produzir fotografias e textos escritos, há um desafio que se relaciona com aspectos cognitivos e emocionais, pois há uma produção acadêmica misturada com percepções e sentimentos pessoais. Esse exercício pode suscitar sentimentos profundos e percebemos na fala da estudante uma aproximação com a relação estabelecida pelo cineasta Ingmar Bergman, quando ele relata em sua autobiografia, a relação estabelecida com fotografias de sua infância. Diante dessa narrativa, rememoro as palavras de Bergman (2013) em sua autobiografia, ao relatar um momento delicado de observação de fotos antigas de sua família: “Inclino-me sobre as fotografias de minha infância e estudo o rosto de minha mãe através da lupa; tento penetrar sentimentos que se deterioraram” (BERGMAN, 2013, p.17).

As imagens da mãe, a memória da relação compartilhada com ela e todas as lembranças que a fotografia trouxe para esta estudante, são elementos trazidos por meio da sua leitura que é carregada de sentidos conotados, na concepção barthesiana.

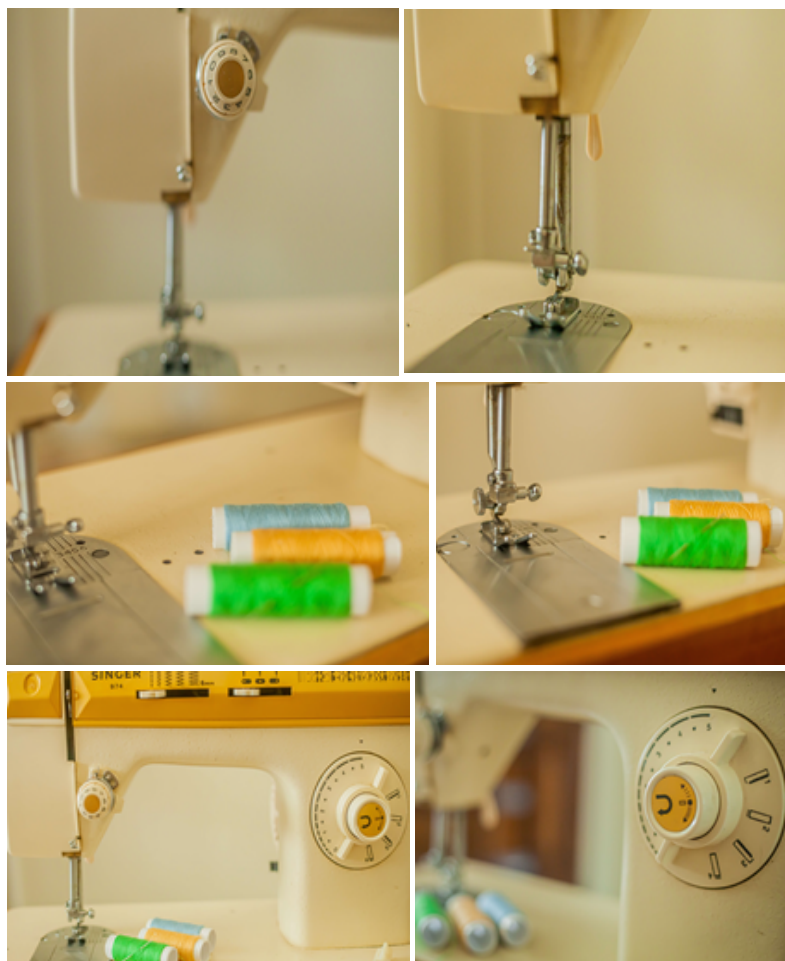


Imagem 3: fotos produzidas pela estudante Dorotéa Lange

As conversas produzidas neste espaço de construção dialógica, foram propiciadoras de trocas potentes que contribuíram para a criação de ensaios fotográficos com narrativas muito reveladoras. A confiança construída fez com que as criações seguissem caminhos particulares e revelassem memórias afetivas mescladas com histórias pessoais. Por meio dessa experiência, as narrativas dos discentes emergiam

em um fluxo que algumas vezes era perturbador e outras revelador de olhares e capturas simbólicas que emergiram e nos mostraram um universo particular de cada participante.

Durante as aulas era possível perceber uma inquietação a respeito dessa produção e o caminho encontrado nas conversas nos conduziu por uma trilha de pesquisa científica com uma escuta atenta para as diferenças, para a alteridade assim como as singularidades constitutivas dos nossos encontros (Ribeiro, Souza e Sampaio, 2018).

O terceiro trabalho apresentado foi concebido por uma estudante de 25 anos, que foi nomeada Lucíola Villela. Ela escolheu um local na cidade do Rio de Janeiro – a Lagoa Rodrigo de Freitas – onde realizava passeio com seus pais, quando criança, para realizar um ensaio fotográfico mesclando elementos de sua infância com a paisagem. Ao criar pequenos textos como legendas, envolve suas memórias com poesia e lembranças amorosas dessa relação familiar. Na apresentação ela afirmou que foi importante olhar esse cenário novamente e lembrar cenas do seu passado. Em sua narrativa ela afirmou também que naquele momento parecia que seu olhar havia mudado, como se estivesse “aprendendo a olhar novamente para lugares que já havia visto antes”.

Para Cartier-Bresson (1979), não podemos ensinar as pessoas a ver, mas podemos entender que nesse caso, a leitura exercitada vai no sentido de auto -conhecimento, reconhecimento do que nos é familiar, um aprofundamento nas maneiras de olhar cenários já conhecidos. Também foi importante para a estudante parar e olhar aquele cenário com um momento para refletir sobre as imagens. Vivemos em um mar de imagens e, cotidianamente nossos olhos são inundados por figuras reluzentes com blocos de texto, fazendo com que nosso cérebro fique superestimulado pela necessidade de adaptação rápida a esse bombardeio de dados, muitas vezes, desconexos (SONTAG, 2004).



Quando rever é reviver
Preciso reviver, eu bem sei, mesmo que só na lembrança,
voltar ao lugar que costumava passear, rever a minha in-
fância e todos os momentos felizes que lá passei



Para onde vamos?
Para onde vamos agora?
Para onde vamos, minha doce criança?



Imagens 4, 5 e 6: fotos produzidas pela estudante Lucíola Villela

O próximo trabalho apresentado foi feito por um estudante que chamamos de Cartier – Bresson, por ele ser um fã do trabalho desse fotógrafo. O jovem abordou sua infância difícil relacionando-a com

sentimentos preservados na memória junto com sua própria história. Apresentou imagens do seu maior amigo: a cadela Luna. O jovem sempre resistiu em apresentar um trabalho, entretanto sempre se aproximava da professora e fazia questionamentos a respeito da liberdade de expressão nesse trabalho. Afirmava que queria poder tratar claramente de um tema que possuía relação com sua infância difícil e os problemas relacionados com solidão, tristeza e relacionamentos familiares. Parecia ter receios em ser julgado ou questionado se tratasse de um tema muito íntimo. Seu trabalho anterior também havia abordado um tema relacionado com sua história pessoal. Os sentidos produzidos por ele quando decidiu fotografar sua cachorrinha nos mostram uma relação amorosa construída em meio a muita tristeza. Sua ansiedade era visível ao perguntar sobre a avaliação do trabalho e, sempre reafirmando a preocupação com a forma como eu entenderia as questões trazidas por ele na narrativa. Isso se relaciona com aprendizagem e construção de conhecimentos, à medida em que fica explícito o quanto ele se preocupou, envolvendo-se e realizando algo desafiador como a escrita de um texto com esse teor.

A minha infância foi muito difícil... Sendo uma criança largada pela família, na verdade a minha vinda para o mundo foi complicada. Já na barriga da minha mãe fui rejeitado pela família dela, por ela e pela família do homem que diz ser meu pai [...]

[...] Na minha infância eu tive um cachorro que se chamava Bidu da raça dos dálmatas. Ele morreu quando tinha 5 anos. Naquela época, minha mãe não tinha câmera e também não existia um smartphone para registrar os momentos que nós dois tivemos juntos. Ele era um amigo porque nunca tive amigo para brincar. Até quem eu pensava que era amigo, me rejeitava. Os anos foram se passando e eu conheci um companheiro que me deu a Luna de presente. Hoje não sei viver sem ela. Às vezes quero estrangular ela, nas outras vezes quero enchê-la de beijos. Sabe, a Luna não a vejo como cadela normal, eu acho que ela é um ser especial que alguém mandou para mim, pois ela sabe quando estou feliz, triste e doente [...]
(narrativa do estudante Cartier-Bresson, 28 anos)



Imagens 7, 8 e 9: fotos produzidas pelo estudante Cartier-Bresson

A próxima narrativa apresenta o trabalho de uma estudante de 45 anos que foi chamada de Marizilda Cruppe. Esta é uma estudante que sempre demonstrou uma relação familiar muito forte a amorosa, especialmente com seus dois filhos. Ao ser provocada com o tema buscou abordá-lo por meio de uma apresentação que continha um ensaio fotográfico e uma letra de música. Suas lentes interpretam essas imagens como uma forma de materializar esse amor e os momentos compartilhados com os filhos, por meio da literatura e da partilha, também amorosa, com os “bolinhos de chuva”. Segundo ela, sua mãe sempre gostou de contar histórias para os netos e os bolinhos de chuva passaram a fazer parte desse momento, desde o dia em que, durante uma chuva muito forte ela contou a história “da vovó que fez bolinhos mágicos para os netinhos e a chuva passou”. Depois disso, os dois netos comeram os bolinhos feitos pela avó. Desde esse dia, a estudante passou a fazer os “bolinhos de chuva” que se tornaram uma tradição familiar que perdura até hoje, vinte anos depois. Segundo ela, “isso acabou virando uma coisa nossa, eu faço os bolinhos de chuva e a gente coloca um filme”.

Acredito como Manguel (2001, p. 20) que “estamos refletidos de uma certa forma em todas as imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos”. Quando lembramos das imagens que compuseram nossa trajetória, fazemos novas leituras e outras interpretações com novos elementos que vão povoando nossas narrativas e tornando-as “contadoras de histórias”, das nossas próprias histórias.

A estudante expressa isso ao demonstrar por meio das imagens, do texto escrito e da letra da música que citou, uma nova apropriação daqueles elementos e das imagens que não existiam, além de sua memória, mas tornaram-se vivas e potentes para recontar essa história.

Memória. Da etimologia: conservação de uma lembrança.

Afeto: sentimento terno de adesão. Assim começo meu prefácio.

Pensar em significado de memória afetiva e transformar em ensaio fotográfico é um processo bastante prazeroso, porém, não é simples. Pensei muito em reproduzir algo da minha infância, mas a memória sempre me puxava para outro momento, onde eu já era adulta e totalmente responsável pela felicidade de dois seres, meus filhos. Então, sem ter como fugir desses pensamentos, deixei-me ser abduzida por aqueles momentos de duas décadas já, mas, bastante frescos para mim. Imediatamente uma música grudou na minha cabeça, Amor I Love you de Marisa Monte e Carlinhos Brown. Todos os dias eu pegava um filho no colo e a gente ficava dançando ao som dessa canção. O outro esperava sua vez, ansioso. Nesse momento nada estava em meus pensamentos. Apenas queria rodopiar com eles. Era uma fase de alfabetização – oh coisa difícil! Investi em Maria Clara Machado e sua coleção “Mico Maneco”. Todas as noites o caçulinha vinha com o livro – o mesmo livro – para lermos. Era uma época que ficávamos juntos o tempo todo. Grande parte dele, com livros e filmes no cinema ou até mesmo em casa. Às vezes, o mesmo filme mil vezes. Ah, tinha traje especial para a sessão. Ora vestiam-se de super heróis, ora bruxos... Sempre, esses momentos eram acompanhados dos mágicos bolinhos de chuva! Com eles, o tempo ruim passava. Tínhamos sol, mesmo que fosse somente em sentimento.

E o mais lindo de tudo é que essa memória afetiva não é somente minha. Pedi ao meu filho que procurasse algum livro de quando ele era pequeno pois eu estava na correria para produzir esse ensaio. Que surpresa feliz quando ele traz a coleção que estava exatamente na minha mente!!!

Nunca me arrependi de largar tudo para viver esses pequenos prazeres. Na adolescência de um de meus filhos,

tive o gosto de vê-lo tirar o segundo lugar em um concurso de literatura de todo o ensino médio com seu livro de crônicas, sendo ele do primeiro ano!
Isso me faz ver que criei raízes.
Escolhi uma letra de música que retrata essa relação da gente...

Amor, I Love you

Deixa eu dizer que te amo. Deixa eu pensar em você
Isso me acalma, me acolhe a alma
Isso me ajuda a viver
Hoje contei pras paredes
Coisas do meu coração
Passei no tempo
Caminhei nas horas Mais do que passo a paixão
É um espelho sem razão
Quer amor, fique aqui
Deixa eu dizer que te amo
Deixa eu gostar de você
Isso me acalma, me acolhe a alma
Isso me ajuda a viver
Hoje contei pra as paredes Coisas do meu coração
Passei no tempo
Caminhei nas horas
Mais do que passo a paixão
É um espelho sem razão
Quer amor, fique aqui
Meu peito agora dispara Vivo em constante alegria
É o amor quem está aqui
Amor, I love you Amor, I love you
Amor, I love you
Amor, I love you Amor, I love you

Marisa Monte Carlinhos Brown



Imagens 10,11, 12 e 13: fotos produzidas pela estudante Marizilda Cruppe

A narrativa apresentada a seguir tem apenas uma fotografia, no entanto foi uma apresentação carregada de emoção em virtude desse estudante ter se mostrado muito tímido desde o início do semestre e, no dia da apresentação dos trabalhos pediu para apresentar um texto de sua autoria, pois desejava compartilhar com a turma o seu processo de criação. Para a surpresa de todos (as) ele nos disse que o trabalho havia trazido um sentimento de calmaria, pois foi desenvolvido a partir da imagem que representava a saudade da avó materna, que havia retornado para sua cidade de origem no sertão nordestino. Segundo ele, antes da partida, ela havia plantado um cajueiro no quintal da casa onde residia. Sua partida a impediu de ver o primeiro fruto que ele fotografou e poetizou como forma de homenageá-la. O estudante que chamamos aqui de Alexandre Brum, falou com emoção da experiência que ele havia vivenciado ao tentar expressar um sentimento tão íntimo e intensamente doloroso como a saudade. Para ele, aquela imagem pulsava e representava todo o amor que sua avó havia dedicado ao cajueiro e que ele tentava materializar. Aqui a imagem é um forte índice desse sentimento quase exclusivo de quem fala a língua portuguesa. A produção desse estudante representa “a imagem-saudade, lugar onde a perda se perpetua” (TUGNY, 2015, p.9). Por meio dessa criação e da sua publicização na turma, ele parece buscar novas formas de sentir e lidar com esse sentimento chamado saudade. Na hora da apresentação afirmou convicto: *eu acho que vocês não vão gostar muito do que eu fiz, mas eu achei muito legal fazer...é eu gostei*

mesmo, nem achei...nem sabia que eu podia fazer isso, escrevi uma poesia!"

Ler uma imagem é uma forma de apropriação, mas é necessário que haja motivação pelo prazer da leitura e com ela serão produzidos novos significados. Na leitura e na produção de seus textos, Alexandre Brum busca aproximar a relação amorosa da avó com o fruto que ela nem conheceu. Na tentativa de externar os sentimentos envolvidos no nascimento daquele fruto – de maneira subjetiva – pode-se inferir que há uma veiculação entre os afetos e a sua materialização com os textos criados – imagem e narrativa – proporcionando novas relações e outros sentidos.

O primogênito

Maria plantou você e foi embora pro sertão
Não viu os dias de sol que você se bronzeou
Não viu as tempestades que você atravessou
Não viu as noites frias e cheia de sereno que você aguentou.
mas viu quando você nasceu e ficou muito feliz quando
você amadureceu
e morreu para que desse frutos e continuasse o ciclo.



Imagem 14: foto produzidas pelo estudante Alexandre Brum

EPÍLOGO

O artigo apresentado trouxe a experiência compartilhada durante as aulas de disciplina “Pesquisa e Documentação Fotográfica”, por meio

da qual narrativas e imagens formaram uma belíssima teia com os percursos individuais e as partilhas nesse grupo. As experiências foram constituídas por meio da construção de conhecimento, que se efetivava com trocas importantes para o aprendizado, envolvendo também um processo de amadurecimento dos envolvidos para escuta do outro.

As conversas em aula foram propiciadoras de trocas potentes que contribuíram com o trabalho por meio de mudanças de atitudes no cotidiano. Assim a nossa aula pode ser traduzida no sentido defendido por Barthes (2010) onde “é esse gosto das palavras que faz um saber profundo, fecundo”. Com a proposta desenvolvida os estudantes concretizaram uma experiência sensível, com conteúdo importante que demonstrou apropriações e ressignificações relevantes.

Roland Barthes e outros autores que fizeram parte desta “conversa” contribuíram para que fossem abordadas questões relacionadas com essa civilização marcadamente imagética. No entanto, também propiciaram reafirmar que é preciso compreender as imagens para além daquilo que se apresenta superficialmente, lendo os sentidos obtusos (Barthes, 2009). O estudo em questão foi sendo construído com “gestos” oriundos desse grupo e de suas percepções. Percepções implicam considerar que vamos nos deparar com imagens e, simultaneamente, com um *não saber* que nos impulsiona a buscar o que Didi-Huberman (2013) trata como rupturas epistemológicas, pois não poderemos operar com novas respostas para antigas perguntas e sim, formular perguntas inteiramente novas. A prática desenvolvida com os estudantes demonstrou que a imagem propicia aos estudantes momentos únicos de desvelar seu olhar e criar referências próprias em suas fotografias.

REFERÊNCIAS

AUMONT, AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 16 edição.- Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Lisboa, Portugal: Edições 70 Ltda. 2009.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. **Aula.** 17 ed. – São Paulo: Cultrix, 2010.

CHÉROUX, Clement; JONES, Julie. **Ver é um Todo: entrevistas e conversas Henri Cartier-Bresson.** 1 ed. – São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Cascas.** – São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Que emoção! Que emoção?** – São Paulo: Editora 34, 2016.

Etienne Samain. **Como pensam as Imagens.** Campinas, SP: Editora da Unicamp 2012, p.21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de Souza; SAMPAIO, Carmem Sanchez. (orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** – Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia** - 1 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUGNY, Augustin de. O Presente da Saudade. Prefácio. In: JESUS, Samuel de. **Saudade: Da poesia medieval à fotografia contemporânea.** 1 ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NOTAS

¹ Adriana Maria de Assumpção é doutora em Educação, pesquisadora na área de cultura visual, professora do curso de Fotografia da UNESA - Universidade Estácio de Sá e bolsista Pesquisa e Produtividade na mesma universidade.